

Poesia silêncio psicanálise

André Medina Carone

Resumo A conversa entre o poeta Haroldo de Campos e o psicanalista Jean Laplanche acerca das traduções da obra de Freud evidencia a existência de duas posições opostas: enquanto a psicanálise busca a legitimidade a partir da coerência interna dos conceitos freudianos, o campo literário tenta atrair a psicanálise para um espaço comum, partilhado pela literatura, pela poesia e pelos estudos da linguagem. As diferenças entre os autores são uma breve ilustração da própria natureza dos debates internacionais em torno das traduções de Freud.

Palavras-chave Psicanálise; Poesia; Tradução; Jean Laplanche; Haroldo de Campos.

André Medina Carone é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

No ano de 1993 o Sedes Sapientiae promoveu um histórico encontro entre o poeta brasileiro Haroldo de Campos e o psicanalista francês Jean Laplanche. Distantes do olhar do público, conversaram em francês por aproximadamente uma hora a respeito da tradução das obras de Freud e da teoria da tradução, seguidos pelo olhar atento e curioso de Ana Maria Sigal, Miriam Chnaiderman e Renato Mezan, que realizam breves intervenções em meio ao debate.

Mais do que a reunião de dois autores e tradutores, esta belíssima gravação nos apresenta duas figuras que representam paradigmas em cada um de seus territórios. Haroldo de Campos, tradutor múltiplo, poeta e teórico da tradução e da linguagem, sempre foi mais do que um autor ou tradutor individual – basta recordar a constante redescoberta que promoveu dos precursores da poesia concreta e a aproximação infinita entre línguas, linguagens e correntes poéticas que formavam diante de seus olhos uma unidade antes insondável: falar sobre Haroldo de Campos significa falar sobre o universo que ele conseguiu mobilizar ao seu redor. Jean Laplanche, psicanalista e teórico da psicanálise, líder de uma equipe de tradutores e teórico da tradução freudiana, é um interlocutor inescapável para quem queira decifrar as articulações internas na obra do criador da psicanálise. Todo aquele que venha a traduzir Freud se vê em algum momento acompanhado pela sombra de Laplanche, por mais que queira rechaçar a sua influência: os impasses e dilemas da tradução freudiana sempre parecem ser aqueles descritos por Laplanche, mesmo se não quisermos aceitar a solução que ele nos apresenta. Com ele descobrimos o mapa de um labirinto cujas saídas nem sempre aceitamos, mesmo quando não encontramos alguma saída. Sua teoria sobre a



percebemos com nitidez a cautela adotada por Laplanche ao expor suas ideias a um poeta e tradutor de língua estrangeira, bem como a sua surpresa diante da familiaridade de Haroldo com seus escritos. As premissas elementares da equipe francesa são ilustradas por seu diretor de maneira bastante didática

tradução freudiana ultrapassa as fronteiras da língua francesa e impõe-se como referência para tradutores de diversos idiomas.

No centro do debate estão as teses de *Traduire Freud*, o volume teórico dirigido por Laplanche que fundamenta e sistematiza a coleção das *Oeuvres Complètes* editada pela Presses Universitaires de France (PUF). Percebemos com nitidez a cautela adotada por Laplanche ao expor suas ideias a um poeta e tradutor de língua estrangeira, bem como a sua surpresa diante da familiaridade de Haroldo com seus escritos. As premissas elementares da equipe francesa são ilustradas por seu diretor de maneira bastante didática. O ponto de partida adotado por Laplanche é a demarcação de uma “língua de Freud” (*langue de Freud*) no interior do idioma alemão. Entretanto essa demarcação não está restrita a um conjunto de termos fundamentais: trata-se antes de uma concepção do texto original como uma arquitetura de referentes cujas posições relativas devem ser preservadas em uma versão estrangeira que se destina sobretudo a *colocar o leitor francês na mesma posição do leitor de língua alemã*, ele afirma: neste trabalho de tradução o horizonte da *precisão* é muito mais

vasto do que faria supor o clássico *Vocabulário da Psicanálise* que elaborou em parceria com o também psicanalista e tradutor Jean Bertrand Pontalis. A proposta laplancheana avança na contramão das antigas traduções de Freud que se orientavam pelo contexto ou pela preservação de um sentido geral das formulações presentes no texto original. O estranhamento semântico e sintático que resulta desse procedimento seria justificado – sempre de acordo com Laplanche – por uma distinção abrangente entre as “obras de pensamento” e as “obras poéticas”: ao relatar um sonho ou um chiste, Freud não tem a intenção de produzir um efeito, mas sim demonstrar um mecanismo. Na concepção de Laplanche, o poeta habita inteiramente a linguagem e os efeitos que ele provoca pertencem à ordem do universal (o que justificaria, ao menos em princípio, a livre substituição das referências culturais ou do contexto linguístico em uma tradução literária), enquanto o pensador teórico habita parcialmente a linguagem: sua argumentação possui uma intenção demonstrativa e os casos particulares aos quais se refere não são intercambiáveis.

Embora o teor da argumentação esteja muito próximo das teses que comparecem na primeira parte de *Traduire Freud*, a presença do poeta neste debate altera por completo a relação de forças e o próprio objetivo da exposição: enquanto o volume teórico destina-se principalmente a demarcar o alcance da terminologia e de sua sistematização no interior da própria psicanálise, nesse encontro com Haroldo de Campos é a teoria psicanalítica, representada na figura de Laplanche, que deve justificar a demarcação entre o *dentro* e o *fora* de sua própria linguagem. Em sua versão mais extremada, o dilema poderia ser formulado nos seguintes termos: se a psicanálise pode falar indiscriminadamente a respeito do mundo e abordar todo e qualquer objeto, então ela não possui nem consistência e nem especificidade (sendo este o risco que Laplanche busca evitar, com extrema medida e rigor); mas se a psicanálise é uma linguagem específica e consistente, que articula um sistema distinto de toda forma de linguagem que

se organiza em seu exterior, ela nada pode dizer a respeito daquilo que não seja ela mesma (eis a barreira que os argumentos de Haroldo de Campos procuram romper a cada novo passo da discussão). Enquanto o psicanalista francês quer legitimar a psicanálise a partir de uma linguagem autônoma e de um sistema interno de correspondências, o poeta brasileiro tenta arrastar a psicanálise para fora de si mesma, conduzindo-a a uma terra média entre a função poética e a função referencial. “Eu não tento entrar em seu território, mas o senhor está tentando entrar no meu”, adverte Laplanche a certa altura: a menção ao “território” ocorre, aliás, em vários momentos da conversa. A certa altura Haroldo de Campos pergunta ao psicanalista se a Bíblia e a obra de Nietzsche seriam “obras de pensamento” ou “obras poéticas”. Laplanche responde com simplicidade que não está traduzindo a Bíblia. A persistência do poeta sobre essa questão me parece justificada, pois, ao contrário do que afirma Laplanche, a perspectiva literária não é estranha ao projeto francês: bastaria recordar sua afirmação de que no texto de Freud “o inconsciente se manifesta através de certas formas verbais”, ou a necessidade de “torturar um pouco a sintaxe francesa”, com a qual o poeta brasileiro está de pleno acordo.

As intervenções de Renato Mezan e Miriam Chnaiderman, que parecem pressentir a necessidade de um terreno comum, alcançam um resultado apenas parcial: Chnaiderman pergunta simplesmente se o mais correto não seria afirmar que toda tradução é poética, uma tese rejeitada de maneira categórica por Laplanche, enquanto Mezan propõe que ambos apresentem suas reflexões acerca da linguagem e da tradução, nascidas em campos do saber e experiências que são bastante distintos. As tensões do diálogo persistem apesar das inúmeras aproximações que se anunciam mas não se sustentam no correr da conversa: logo no início Laplanche assinala que praticamente todos

»»

resumindo: nesse belo debate encontraremos divergências manifestas e convergências latentes. Mais do que um entre vários debates sobre a sua tradução, este parece ser o encontro que simboliza os desencontros da própria história das traduções de Freud

os neologismos que a equipe francesa imaginava ter inventado já existiam (um fenômeno que Haroldo de Campos identificou na literatura brasileira, mais precisamente na poesia de Gregório de Matos e nas traduções de Odorico Mendes, se eu não estiver enganado) e afirma em seguida que os tradutores são os verdadeiros transformadores de uma língua. Haroldo de Campos, por sua vez, apresenta uma leitura original da *Wortlichkeit* (“vocabularidade”, segundo ele) em *A tarefa do tradutor*, ensaio de Walter Benjamin que serve de esteio teórico para a edição francesa dirigida por Laplanche.

Resumindo: nesse belo debate encontraremos divergências manifestas e convergências latentes, fronteiras teóricas e entrelaçamentos reais, sistemas de linguagem e fragmentos do inconsciente que orbitam ao redor da obra de Freud: mais do que um entre vários debates sobre a sua tradução, este parece ser o encontro que simboliza os desencontros da própria história das traduções de Freud.

Referências bibliográficas

- Benjamin W. A tarefa do tradutor. In Universidade Federal de Santa Catarina (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução), *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: EDUFSC. p. 202-233 (Trad. Susana Kampff Lages).
- Bourguignon A.; Cotet P.; Laplanche J.; Robert F. (1989). *Traduire Freud*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Campos H. (1992). Da tradução como Criação e como Crítica. In *Metalinguagem e Outras Metas*. São Paulo: Perspectiva. p. 31-48.

Poetry silence psychoanalysis

Abstract The conversation between the brazilian poet Haroldo de Campos and the french psychoanalyst Jean Laplanche on translating Freud brings to light to opposite approaches: while psychoanalysis hold on to the internal coherence of Freudian concepts to legitimize its discipline, the literary field efforts to lure psychoanalysis and bring to a domain shared by literature, poetry and linguistics. The differences between these two authors illustrate the very nature of the international debate about translating Freud.

Keywords Psychoanalysis; Poetry; Translation; Jean Laplanche; Haroldo de Campos.

Texto recebido: 05/2016

Aprovado: 07/2016